Dia 9 — O Santíssimo Nome de Maria

Martirológio Romano

O martírio dos santos Doroteu e Gorgônio, em Nicomédia; os quais, havendo obtido muito honoríficos empregos na casa do imperador Diocleciano, como abominassem a perseguição com que afligia os Cristãos, mandou primeiro que os pendurassem e os açoitassem até despedaçar-lhes todo o corpo. Depois, havendo-lhes descoberto as entranhas, mandou que nelas lhes lançassem sal e vinagre e que nesta disposição fossem assados em umas grelhas; e por último que fossem estrangulados com um laço. O corpo de São Gorgônio, depois de largo tempo, foi levado a Roma e depositado na via Latina, de onde o trasladaram à igreja de São Pedro. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos mártires Jacinto, Alexandre e Tiburcio, na terra dos Sabinos, a trinta milhas de Roma.

São Severiano, soldado do imperador Licínio, em Sebaste; o qual, como visitasse os quarenta Mártires que estavam no cárcere, por ordem do presidente Lísias o penduraram com uma grande pedra atada aos pés, atormentaram-no com açoites, descarnaram-lhe todo o corpo e, nestes tormentos, entregou sua alma ao Criador.

O martírio de São Estratão, mártir, no mesmo dia; o qual, por confessar Jesus Cristo, foi atado a duas árvores e feito em pedaços, obteve a coroa do martírio. (Nicolau Antônio, fundando-se em que nunca existiu na Espanha povoação alguma chamada Beta, não considera conveniente que este Santo fosse espanhol, conforme pretenderam alguns autores, supondo-o natural de uma antiga cidade daquele nome.)

Os santos mártires Rufino e Rufiniano, irmãos, no mesmo dia.

São Sérgio, papa e confessor, em Roma. (Subiu à cátedra de São Pedro depois de duas eleições, uma em favor do arcediago Pascoal e outra em favor do arcipreste Teodoro: foi consagrado no dia 15 de dezembro do ano 687 e morreu a 8 de setembro de 701. Entre outras coisas notáveis que deixou estabelecidas na Igreja, uma é que na missa se dissesse o *Agnus Dei*.)

Santo Audomaro, bispo, no território de Térouanne. (Os franceses o chamam Santo Omer.)

São Querano, abade, na Escócia.

A Festa do Santo e Dulcíssimo Nome de Maria

No domingo depois da Natividade de Nossa Senhora celebra a Igreja a festividade de seu dulcíssimo Nome. Sempre foi o maior recurso dos fiéis em suas maiores necessidades a poderosa proteção da santíssima Virgem: nem se frustrou jamais sua confiança nesta Mãe de misericórdia quando clamaram a ela nas mais apertadas tribulações e calamidades. Constantemente experimentou sempre a Igreja seu auxílio e sua assistência, sobretudo contra os mais formidáveis esforços dos inimigos do nome cristão; e a instituição desta festa será eterno monumento de sua proteção onipotente.

Orgulhosos os turcos com os felizes sucessos de suas armas contra os imperiais na campanha de 1683, conceberam e formaram o soberbo intento de dilatar suas conquistas até mais além das margens do Danúbio e do mesmo Reno, ameaçando com fereza toda a cristandade e, penetrando por ela com um exército de duzentos mil combatentes, puseram cerco à imperial corte de Viena. Foi geral a consternação de todos; e, temendo os povos cair nas bárbaras mãos dos infiéis, ficaram desertas as cidades, abandonando-as seus habitantes. Como o Imperador não tinha forças suficientes para fazer resistência ao exército otomano, viu-se precisado a retirar-se de sua corte em companhia das duas Imperatrizes, dos Arquiduques e Arquiduquesas, tomando o caminho de Linz, enquanto o príncipe Carlos de Lorena, temendo ser cortado e envolvido pela multidão, vinha retirando-se até cobrir-se com o canhão da praça. No dia 14 de agosto abriram os turcos as trincheiras pelo lado da porta imperial e alojaram-se nela, apesar do vivo fogo que faziam os sitiados. Apoderando-se depois do Tabor, deixaram fechada a cidade por todas as partes; e, pondo fogo ao palácio da favorita, queimaram as casas de campo dos grandes no arrabalde de Leopoldstadt, e encheram-se de janízaros todos os postos exteriores. Sucedeu um funesto acidente que, acrescentando muito orgulho aos sitiadores, desmaiou na mesma proporção o alento dos sitiados. Pegou fogo na igreja dos escoceses: consumiu em breve tempo aquele soberbo edifício e, ganhando as chamas o arsenal, onde estavam os armazéns da pólvora e das munições, a cidade ia já a cair em mãos dos turcos, quando, no mesmo dia da Assunção, por uma visível proteção da santíssima Virgem, parou como de repente o fogo, dando tempo a que se tirassem as munições e a pólvora. À vista de tão notório favor da Mãe de Deus, voltou a animar-se o desmaiado alento do soldado e dos vizinhos, acendendo-se mais a confiança em sua poderosa protetora, por mais que os turcos fizeram um terrível fogo no dia 22 contra o baluarte do Danúbio. Choviam dentro da praça balas, granadas e bombas que lançavam por terra as casas; mas nem por isso se acovardavam os vizinhos, implorando dia e noite nas igrejas a assistência do céu, nem os pregadores cessavam de exortá-los a que, depois de Deus, pusessem toda a sua confiança naquela Senhora, cuja soberana proteção haviam experimentado tantas vezes. No dia 31 adiantaram-se os trabalhos dos sitiadores até a contraescarpa, aproximando-se tanto dos imperiais que uns e outros peleavam já dentro do fosso com as estacas da paliçada. Viena, aquele baluarte da cristandade,

apenas era já mais que um prodigioso cúmulo de terra e pedras quando, no dia da Natividade da Virgem, em que os Cristãos redobraram suas orações, seu fervor, sua devoção e seus votos, receberam, como por milagre, aviso certo de que lhes vinha marchando um pronto socorro, com cuja notícia reviveu em seus corações todo o seu espírito e todo o seu valor. Com efeito, ao amanhecer do segundo dia da oitava da Natividade registrou-se coberta de tropas auxiliares toda a montanha de Kahlenberg: vista acompanhada do maior consolo, que, enchendo os peitos de inexplicável alegria, acalmou as inquietudes e os sobressaltos. João Sobieski, rei da Polônia, acudiu no dia 12 de setembro à capela de São Leopoldo com o príncipe Carlos de Lorena, onde os dois generais assistiram ao santo sacrifício da missa, a qual quis ajudar o mesmo Rei, tendo os braços em cruz por toda ela, menos aqueles breves instantes em que o sacerdote tinha necessidade de seu ministério. Depois de haver comungado, pondo-se sob a proteção da Mãe de Deus, e recebida a bênção que se deitou a todo o exército, o Monarca levantou-se com denodado desembaraço e disse em alta voz: «Agora já podemos marchar, sob a proteção da santíssima Virgem, com inteira segurança de que não nos negará sua assistência.» Desceu então das montanhas o exército dos Cristãos e foi avançando ao campo dos turcos, os quais os receberam bem e sustentaram por algum tempo o combate; mas logo se retiraram para a outra parte do Danúbio com tanta precipitação que deixaram no quartel do Grão-vizir o estandarte do império otomano e as caudas de cavalo, que são as insígnias de sua dignidade, tão inseparáveis dele que o acompanham e o precedem até na presença de Sua Alteza. Não houve vitória que custasse menos sangue nem que fosse mais completa. Os turcos abandonaram todas as suas tendas, a maior parte de seu equipamento, todas as munições de boca e guerra, toda a sua artilharia, que ascendia a cento e oitenta canhões ou morteiros, e cem mil homens mortos no campo de batalha. Não puderam os dois generais seguir o alcance por estar fatigado o exército cristão. Viam-se os soldados entrar na cidade carregados de despojo e levando diante de si manadas inteiras de bois que os turcos haviam deixado no campo, enriquecidos com seus preciosos despojos. Informado da derrota dos turcos o imperador Leopoldo Inácio, mais ilustre por sua esclarecida piedade que por seu grande valor e celebrada prudência, voltou a Viena no mesmo dia e mandou cantar o *Te Deum*... com toda a solenidade possível; reconhecendo que uma vitória tão não esperada era efeito visível da assistência do céu e singularmente da descoberta proteção da santíssima Virgem. Mandou o religioso Príncipe que se levasse à igreja maior o estandarte do império otomano que se achou na tenda do Grão-vizir. Era de crinas de cavalo-marinho, trabalhado a agulha e bordado de flores à arabesca, a maçã de bronze dourado e o pau todo coberto de folhas de ouro. O estandarte de Maomé, que sempre se iça em meio ao campo, junto à tenda do Grão-vizir, era de brocado de ouro, fundo encarnado e bordado todo de prata e verde; as franjas de brocado vermelho e prateado, bordados de letras árabes. A haste ou pau do estandarte rematava numa maçã de cobre dourado com borlas de seda verde. Este estandarte se enviou a Roma, onde foi apresentado ao papa Inocêncio XI, que, bem persuadido de que tão célebre vitória se devia singularmente à proteção da santíssima Virgem, ordenou que a festa de seu dulcíssimo Nome, introduzida muito tempo antes em várias províncias da cristandade, se celebrasse daí em diante em toda a Igreja universal, fixando-a ao domingo infraoitava da Natividade.

Na verdade, depois do santo Nome de Jesus, era muito justo que se celebrasse também o nome de Maria, o qual, sendo tão respeitável aos mesmos Anjos, não devia sê-lo menos a todos os homens. «Nem o céu nem a terra, ó bem-aventurada Virgem Maria (exclama São Francisco), conhecem outro nome, depois do de teu querido Filho, de quem recebam os fiéis maiores graças, em quem

depositem maior confiança nem de quem recebam maior doçura que de teu santíssimo nome: *Post singulare illud dilecti Filii tui, o Maria, non aliud nomen cælum et terra nominat, unde tantum gratiæ, tantum spei, tantum suavitatis piæ mentes accipiant.* (*In Psalt. Virg.*) Ditoso aquele que respeita, que ama teu santo nome, ó Virgem santa (exclama São Boaventura). Sustentá-lo-á teu favor em todos os seus trabalhos e produzirá nele copiosos frutos, regados com as vivas águas da graça do Redentor. *Beatus qui diligit nomen tuum, Maria; gratia tua animam ejus confortabit, tanquam fontibus irrigatum, in eo fructum propagabit.* Ó augusto nome de Maria! (acrescenta o mesmo Santo) como pode deixar de ser teu nome gozosíssimamente celebrado, pois não é possível pronunciá-lo sem grande utilidade do mesmo que o pronuncia! *O celeberrimum nomen Mariæ! quomodo posset nomen tuum non esse celebre, quod etiam nominari non potest sine nominantis utilitate?* Que glorioso, que admirável é este nome, ó Virgem pura, pois os que o invocam com devoção e confiança nem se assustam nem dão lugar ao temor na hora da morte! *Gloriosum et admirabile est nomen tuum, qui illud retinent non expavescunt in puncto mortis.* Que paz, que abundância de graças desfrutam os que honram sem cessar teu santo nome! *Pax multa observantibus nomen tuum, Mater Dei.*»

«É de tanta virtude este nome, diz o sábio Idiota Raimundo Jordão, abade de Celles, é de tanta excelência, que o céu o aplaude, a terra se regozija e os Anjos saltam de gozo sempre que o pronunciam: *Tantæ virtutis et excellentiæ est hoc nomen, ut cælum rideat, terra lætetur, angeli congaudeant cum Maria nominatur.* Sim, por certo (acrescenta este venerável varão), toda a santíssima Trindade te deu este respeitável nome, para que, ao ouvi-lo, dobrem o joelho todas as potestades do céu, da terra e do inferno: *Dedit tibi, Maria, tota Trinitas nomen, ut in nomine hoc omne genuflectatur cælestium, terrestrium et infernorum.*» Na verdade, diz São Bernardo, nenhum outro nome podia convir melhor à Mãe de Deus que o de Maria; nem era possível achar outro que melhor explicasse sua grandeza, sua dignidade e sua excelência. *Nomen Virginis Mariæ, quod interpretatum maris stella dicitur, et Matri Virgini convenienter aptatur.* (*Hom. super Missus est.*) É Maria aquela formosa e brilhante estrela que se registra elevada sobre o espaçoso mar do mundo: *Ipsa est præclara et eximia stella, super hoc mare magnum et spatiosum necessario elevata.* Ela é a que guia os que navegam engolfados neste mar proceloso. O mesmo é perder de vista esta estrela que expor-se à funesta necessidade de desviar do rumo, dar em escolhos e correr a um lastimoso naufrágio: *Ne avertas oculos a fulgore hujus sideris, si non vis obrui procellis.* São frequentes neste inquieto mar as tempestades: está semeado de escolhos; não há porto onde se possa ancorar ao abrigo dos ventos; nenhum que não esteja exposto a furiosos huracões; se queres livrar-te do naufrágio, *respice stellam, voca Mariam*: olha esta estrela, invoca este nome de Maria. Se as desgraças te atropelam, se as adversidades te combatem e quase te derrubam; se os adversos acasos desta vida vão como a submergir-te e afogar-te, olha essa estrela, invoca o santo nome de Maria. *Si adversitates tribulationum te jactent, et superantes te quasi prosternant, invoca Mariam.* (*In cap. 1 Luc.*) O Nome de Maria, dizia Santo Antônio de Pádua, enche de gozo e de consolo quantos o pronunciam com devoção e com respeito. É mais doce ao paladar que o mel; mais grato ao ouvido que a mais harmoniosa melodia; mais delicioso ao coração que o júbilo mais requintado. *Nomen Virginis Mariæ, mel in ore, melos in aure, jubilus in corde.* Depois do dulcíssimo nome de Jesus, diz o célebre Alano de Cister, um dos mais ilustres ornamentos da universidade de Paris, que outro nome deve ser mais frequente na boca dos fiéis que o de Maria? Por isso, com muito mais razão se compara a um suavíssimo óleo derramado, cuja fragrância se difunde por todas as partes. *Cujus nomen præconizatur in mundo, nisi Virginis hujus? Cujus laus celebratur in*

ore populi fidelis, nisi Virginis Mariæ? Unde eleganter fama et gloria nominis ejus oleo effuso comparatur. Ainda adianta mais Santo Anselmo a veneração deste santo nome. Muitas vezes, diz, consegue-se a graça e a misericórdia com mais presteza invocando o nome de Maria que invocando o nome de Jesus: *Velocior est nonnumquam salus, memorato nomine Mariæ, quam invocato nomine Jesu.* (*Lib. de excellent. Virg.*) Logo que se pronuncia o nome de Maria, diz o sábio Pedro de Blois, dobra a Igreja o joelho, e é o mesmo pronunciá-lo que renovar-se nos povos a devoção. *Ecclesia, audito nomine Mariæ, genua terræ infigit, quia præ nominis reverentia quasi mare confragosum sonant vota populorum.*

Desde o princípio da religião cristã, desde os primeiros tempos da Igreja, acostumaram-se piedosamente os fiéis a não separar os augustos nomes de Jesus e de Maria, não invocando um sem o outro desde aqueles felizes séculos do primitivo fervor. Nunca envelheceu na Igreja a Religião. Assim como os verdadeiros Cristãos de nossos tempos professam ao Filho o mesmo amor e o mesmo respeito, assim também professam à Mãe a mesma ternura e a mesma veneração. Por isso andam juntos de ordinário estes dois santíssimos nomes no coração e na boca dos Cristãos. Por isso, com alguma proporção, pode-se dizer de Maria o que diz São Paulo do Verbo encarnado em suas entranhas: que Maria é tanto mais superior às celestiais inteligências quanto o nome que se lhe concedeu em sinal de sua grandeza é para nós prova concludente de sua maior distinção: *Tanto melior angelis, quanto differentius præ illis nomen hæreditavit.* Diz São Pedro Crisólogo que o nome de Maria significa em latim *senhora*: *Maria latine domina nuncupatur.* Por ser a Soberana dos Anjos e dos homens, chama-se por excelência *Nossa Senhora*, sendo esta prerrogativa especial sua, de sorte que assim a apelida comumente a Igreja e todas as nações. Em todas elas retém este Nome o mesmo caráter de grandeza e de soberania, pois em todas significa *Nossa Soberana*, assim como, falando de seu Filho, significa *Nosso Soberano* o nome de Nosso Senhor.

São Bernardo, que não malogra ocasião de manifestar os ardores e os ternos afetos de seu coração para com esta Mãe de bondade e de misericórdia, aludindo ao som e significado de seu nome, como também ao muito que serve aos navegantes a estrela que chamam do Norte, sendo ela a que dirige seus rumos, explica eloquentemente o muito que devemos esperar da assistência de Maria, professando terna e afetuosa devoção a seu santo nome. *Et nomen Virginis Maria.* Oh, e que admiravelmente convém este santo nome à santíssima Virgem Maria! Este nome, diz, além de significar rainha, senhora e soberana, significa também *estrela do mar*: *Quod interpretatum maris stella dicitur.* (*Hom. 2, super Missus est.*) É Maria aquela resplandecente, aquela brilhante, aquela célebre estrela de Jacó, cuja luz banha todo o mundo, cujo resplendor se eleva até o mesmo céu, penetra os abismos e, derramando suas benignas influências sobre toda a terra, aquece os corações mais que os corpos, fomenta as virtudes e resseca o vício até deixá-lo sem vida. «Não podes ignorar, sejas quem fores (continua o mesmo Santo), que enquanto vives neste mundo, navegas neste borrascoso mar, combatido perpetuamente das tempestades, levando-te a todas as partes a violência das ondas. *Ne avertas oculos a fulgore hujus sideris, si non vis obrui procellis*: Não desvies os olhos deste resplandecente astro, se não queres ser submergido nas borrascas. *Si insurgant venti tentationum*: se soprarem furiosos os ventos das tentações. *Si incurras scopulos tribulationum*: se fores já como a estrelar-te contra os escolhos das tribulações e das adversidades, levanta os olhos a esta estrela, invoca o nome de Maria: *Respice stellam, voca Mariam.* Se te consome o fogo da cólera; se o maligno espírito da avareza te devora; se o orgulho excita em teu coração perigosas tempestades; se a concupiscência te põe a risco de padecer triste e miserável

naufrágio: *Si jactaris superbiæ undis, si carnis illecebra naviculam concusserit mentis*, recorre a Maria, *respice ad Mariam.* Se te conturba o horror de teus pecados; se tua consciência se estremece à vista de sua gravidade e de seu número; se o temor dos terríveis juízos de Deus te induz a desesperação e, à vista dele, desmaia em teu coração a confiança, *cogita Mariam*, põe a consideração em Maria: este santo nome sossegará teus sobressaltos e despertará tua confiança e teu amor, *in periculis, in angustiis, in rebus dubiis.* Em todos os perigos da vida, em todos os tropeços desta perigosa carreira, nos negócios espinhosos, nos mais azarosos acidentes, *Mariam cogita, Mariam invoca*: acode a Maria, invoca Maria: não caia de teus lábios este santo nome, e esteja perpetuamente gravado no centro de teu coração: *Non recedat ab ore, non recedat a corde.* Tem por certo que, enquanto não perderes de vista Maria, não te descaminharás: *Ipsam cogitans, non erras*; enquanto estiveres debaixo de sua proteção, não tens de que temer: *Ipsa protegente, non metuis*; e uma ditosa experiência te ensinará que com muita razão tem o nome de Maria, isto é, de Mãe de misericórdia, de estrela do mar, de Senhora e refúgio de pecadores: *Et sic in temetipso experieris quam merito dictum sit: et nomen Virginis Maria.*»

Enchei, ó divina Maria, enchei toda a extensão deste magnífico nome. Sede honrada no céu, reverenciada na terra e respeitosamente temida no inferno. Reinai, depois de Deus, sobre tudo o que está debaixo de Deus; mas, mais que tudo, reinai em meu coração. Vós sereis meu consolo em meus trabalhos, minha fortaleza em meus desmaios, minha conselheira em minhas dúvidas. Só com pronunciar o nome de Maria animar-se-á toda a minha confiança e acender-se-á todo o meu amor. Oh, e se eu pudesse gravar profundamente este santo nome em todos os corações! Oh, se o pudesse colocar na boca de todos os mortais, movendo-os todos a que me ajudassem a celebrá-lo! Maria: ó nome com cuja doce invocação ninguém deve desesperar! Maria: ó nome tantas vezes combatido, mas sempre vitorioso, sempre triunfante! Maria: ó nome sempre grato, sempre doce, sempre saudável à minha alma! Nome que me serena em meus temores, que me anima em meus desalentos, que me sustenta em minhas empresas. Pronunciá-lo-ei todos os dias de minha vida e, sempre que o pronunciar, irá acompanhado com o sagrado nome de Jesus. O Filho me lembrará a Mãe, e a Mãe me trará à memória o Filho. Jesus, Maria: isto é o que minha boca repetirá mil vezes à hora da morte. Jesus, Maria: isto é o que não deixará de repetir interiormente meu coração quando não puderem os lábios pronunciá-lo. Repetir-me-ão até meu último suspiro este nome de Jesus e este nome de Maria; e até o último suspiro serão para mim dois nomes de confiança, de ternura, de bênção e de salvação eterna. Assim seja.

Santa Maria de la Cabeza

Na corte de Madri é um dos objetos da maior veneração Santa Maria de la Cabeza, dignissima esposa de Santo Isidro, padroeiro da mesma vila. Ainda que convêm os escritores da nação em que foi originária da província de Toledo, diferem no lugar de seu nascimento: uns estimam que foi a vila de Uceda, outros que Torrelaguna e outros que Caraquiz; mas o que reflexionar que na época de seu nascimento era Torrelaguna aldeia de Uceda e que Caraquiz foi, como é hoje, uma granja do território daquela, não terá dificuldade em conceder que foi natural de Uceda. O escritor desta vida, que foi pároco na mesma vila, interessado no descobrimento da origem desta Santa, havendo registrado com a maior escrupulosidade os arquivos dela, ainda que não encontrou neles

documento algum justificativo sobre este ponto de controvérsia, convencido de que naquele povo é a prova justificativa da freguesia das famílias a contribuição privativa de dízimos de algum prédio, pagando-se, como se paga hoje, à paróquia de Santiago de Uceda os de uma herdade de Caraquiz, que até hoje se chama a Horta de Santa Maria de la Cabeza, não tem dúvida de que foi freguesia desta igreja, o que se comprova pela tradição dos naturais.

Ainda que o tempo nos roubou as importantes notícias da criação de Maria e das louváveis ações de sua infância, contudo, pela fama de sua eminente virtude, já constante em sua juventude, podemos inferir que foi educada desde o berço no seio da religião católica; cujas piedosas máximas seguiu fielmente, regulando seus costumes com o espírito da lei santa de Deus, mamando com o leite uma terna devoção à santíssima Virgem, a qual conservou inviolável toda a sua vida. Chegou aquele ponto de idade em que a natureza manifestou as apreciáveis qualidades com que a dotou o céu e, deliberando seus parentes dar-lhe estado de matrimônio com uma pessoa de iguais prendas, proporcionou-o assim a divina Providência.

Havendo morrido Afonso VI, rei de Castela, aquele invicto Príncipe, temor e açoite o mais terrível dos agarenos, a quem ganhou tantas e tão recomendáveis vitórias, cercou Madri Ali, rei dos almorávidas, auxiliado dos mouros africanos; e, fazendo-se dono dela pelos anos 1108, muitos cristãos viram-se na precisão de retirar-se aos povos da comarca, fugindo da tirania dos sarracenos. Um destes fugitivos foi Santo Isidro, que, não podendo exercer com a liberdade que apetecia os santos exercícios de seu costume em sua pátria, por motivo da irrupção inimiga, passou a Torrelaguna, oito léguas distante dela, onde se ajustou por moço de lavoura com um dos hacendados daquele povo. Ainda que mudou de lugar, não variou um ápice de sua justificada conduta nem alterou a prática de suas louváveis devoções. Fez-se objeto da veneração de todos por sua humildade, por sua modéstia, por sua paciência e por sua simplicidade. Enamorado seu amo de sua eminente virtude e das abundantes bênçãos que Deus lançava sobre a fazenda pelos méritos de seu criado, pensou, com outros sujeitos afeiçoados ao santo jovem, proporcionar-lhe uma esposa semelhante a seu modo de pensar. Como Maria de la Cabeza era conhecida naquele povo por sua honestidade e por suas apacíveis qualidades, deliberaram unir com o vínculo do matrimônio os dois heróis, iguais em circunstâncias e em sentimentos. Ambos consultaram com Deus o assunto por meio da oração; com seu beneplácito receberam o Sacramento e, com ele, aquela graça que presta auxílios e forças aos casados para suportar as cargas do matrimônio. Aquelas duas grandes almas haviam nascido uma para a outra; e, sendo tão conformes nos ditames, não podia deixar de ser feliz aquela união, na qual, não atendendo a cobiçar formosura nem riquezas, só aspiravam a prosperar com um amor casto no caminho do céu. Raras vezes se ofereceu aos olhos e à veneração do mundo virtude mais heroica neste estado, pois, prevenidos os dois castos esposos com aquelas graças especiais que estão destinadas a fazer os maiores santos, o acreditaram assim com suas admiráveis obras.

Tinha a Santa uma herdade própria na granja de Caraquiz, a qual até hoje se conserva, chamada a Horta de Santa Maria de la Cabeza. Com este motivo, e o de haver tomado Isidro outras terras a renda no mesmo sítio de um hacendado de Torrelaguna, fixaram ambos sua residência naquela casaria, onde entabularam um teor de vida angélica, ocupados o um no cultivo das herdades e a outra no cuidado de sua casa, sem omitir gastar o tempo sobrante de suas respectivas lavouras em todas as obras piedosas que recomenda nossa santa Religião, fazendo-se ambos por estes

meios o objeto da veneração e dos mais altos elogios dos povos comarcãos.

Como Maria de la Cabeza professava uma singular ternissima devoção à santíssima Virgem, em quem, depois de Deus, tinha posta toda a sua confiança, visitava com frequência uma ermida contígua à granja de Caraquiz, dedicada à Rainha dos Anjos, esmerando-se na limpeza e asseio daquele santuário, que era o teatro de suas mais fervorosas orações. Tinha a devoção de levar azeite para acender a lâmpada que ardia ante o altar da Senhora; e, chegando um dia de inverno à margem do rio Jarama, que medeia entre a granja e a ermida, vendo que era difícil passar suas rápidas correntes, entristecida de não poder executar seu acostumado obséquio, apareceu-lhe a santíssima Virgem e, tomando-a pela mão, passou-a ao outro lado, fazendo o mesmo à sua volta, cujo ensino lhe serviu para que repetisse iguais prodigiosos trânsitos em semelhantes circunstâncias.

Não foram só estas maravilhas as que executou a ditosa lavradora. Ocorreu um ano tão estéril que mal colheu Isidro o grão que havia semeado. Impossibilitado por isso mesmo a satisfazer a renda ao dono das terras, não reparando este na satisfação pontual que lhe havia feito nos anos antecedentes, como se a escassez do ano fosse culpa do Santo, arrebatou-lhe o pouco grão da eira. Quis fazer o mesmo com a palha; mas, havendo-lhe Maria suplicado por amor de Deus que lha deixasse para manutenção dos bois, aquele homem avarento condescendeu com seus rogos. Conheceu a Santa a pena que causou a seu marido a impiedade do feito e, cumprindo com as obrigações de uma boa consorte, começou a consolá-lo, dizendo-lhe que o Senhor, como Pai de misericórdia, os socorreria naquela aflição, aconselhando-lhe ao mesmo tempo, cheia de confiança na divina Providência, que desse outra volta aos refugos. Como o Santo tinha formado tão elevado conceito da eminente virtude de sua esposa, fê-lo assim, seguindo seu conselho; e, dando à palha uma volta com o ventilador, tirou dela trigo suficiente para sustentar-se todo aquele ano e semear no seguinte.

Vivia Isidro cheio de gozo, dando ao Senhor muitas graças por haver-lhe concedido uma esposa de tanto mérito; mas, havendo determinado voltar à sua pátria para continuar nela sua profissão, comunicou sua determinação a Maria; e, ainda que esta sentia na alma deixar o santuário onde rendia seus respeitos à santíssima Virgem, como era tão obediente às disposições e até às insinuações de seu marido, passou em sua companhia a Madri; onde o porte e justificada conduta de ambos os heróis foi uma série contínua de eminentes virtudes e ações maravilhosas que os fizeram amáveis, respeitáveis e até veneráveis a todos os madrilenos.

Quis Deus conceder-lhes fruto de suas bênçãos, dando-lhes um filho que foi o consolo e a alegria dos dois santos esposos; mas, tendo-o Maria nos braços perto do poço de sua casa, fazendo o menino um extraordinário movimento, caiu na profundidade inopinadamente. Já se deixa discorrer a pena e sentimento que conceberia a santa mãe naquela desgraça. Esperou, contudo, que Isidro viesse de sua lavoura e, referindo-lhe banhada em lágrimas o lastimoso sucesso, cheios ambos de confiança, puseram-se a orar perto do bocal do poço, rogando a Deus e à santíssima Virgem que se dignassem consolá-los. Ouviu o Senhor com agrado suas reverentes súplicas, e, conforme continuavam a oração, iam crescendo as águas até que chegaram ao bocal, subindo sobre elas o menino vivo e risonho, brincando com as mãozinhas sobre o elemento. Deram ambos a Deus as graças correspondentes e, para servi-lo com maior perfeição, determinaram depois viver daí em

diante castamente como dois virtuosos irmãos.

Desejosa Maria de satisfazer seus acostumados cultos à santíssima Virgem na ermida dita, retirou-se a Caraquiz com beneplácito de seu esposo, onde se ocupava nos mesmos louváveis exercícios que quando ambos viviam naquela granja; do que, invejoso o inimigo comum, procurou alterar a paz do fidelíssimo matrimônio. Ainda que ficou cheio de confusão nas repetidas vezes que o tentou estando juntos os dois esposos, contudo, parecendo-lhe mais proporcionada a conjuntura de sua separação, apareceu em traje de lavrador conhecido a outro de sua profissão que passava à vila de Madri e, em tom de condoer-se, preveniu-o de que noticiasse a Isidro a infidelidade que lhe fazia sua consorte, mal entretida com os pastores que apascentavam seus gados perto da ermida a pretexto de sua devoção. Deu o simples lavrador esta sensível notícia ao servo de Deus; e, ainda que lhe constava a este por repetidíssimas provas a fidelidade de sua esposa, contudo quis desmentir a calúnia. Partiu de Madri o Santo, acompanhado com o mesmo lavrador, e, chegando ambos perto de Caraquiz ao tempo em que saía Maria para o santuário, postos em observação, viram que, ao aproximar-se das crescidas correntes do rio Jarama, estendendo sobre elas a mantilha, postos os olhos no céu, passou as águas prodigiosamente. Ficaram ambos convencidos da falsa imputação à vista desta estupenda maravilha, e mais quando a Santa, ao seu regresso, a repetiu na presença de muitas testemunhas.

Isidro retirou-se a Madri depois que teve o consolo de ver sua amada esposa e de haver declarado que o inimigo infernal foi o autor da calúnia. Ocorrida sua última enfermidade, Maria passou a assisti-lo com a caridade e amor que professava a tão digno marido; e, satisfeitos os ritos de seu funeral, voltou a Caraquiz com firme resolução de passar o resto de sua vida em serviço da santíssima Virgem. Com efeito, não satisfeita sua devoção com o asseio ordinário da ermida, pedia esmola por todos os povos da comarca para a decência e luz do santuário, onde passava horas inteiras, e até dias e noites, em fervorosas orações e doçíssimos colóquios com a Rainha dos Anjos, a qual, com seu santíssimo Filho, a favoreceram muitas vezes com sua real presença. Ocultou em sua vida a santa viúva aqueles requintados favores, os quais o Senhor fará públicos no último dia dos séculos, para ostentação do elevado mérito de sua serva.

Chegou, enfim, o tempo em que quis Deus premiar os relevantes merecimentos de Maria e, conhecendo esta que se aproximava a hora de sua morte, dispôs-se a recebê-la com as preparações próprias de seu espírito, todo abrasado nas chamas do amor divino. Recebeu os últimos Sacramentos e, entre muitos afetos de contrição e ternas exclamações à santíssima Virgem, que a assistiu naquela hora, acompanhada de coros angélicos, entregou tranquilamente seu espírito nas mãos do Criador no dia 8 de setembro, em fins do século XII. Mal se soube sua morte, concorreram os povos da comarca a tributar-lhe os últimos obséquios e, depois deles, deram sepultura a seu corpo na mesma ermida, segundo sua disposição.

Como era tão pública a fama de santidade da serva de Deus, desde logo os fiéis acreditaram este conceito com todas as provas que costuma a piedade cristã para demonstrá-lo. Colocaram no altar-mor daquele santuário a cabeça da Santa para a veneração pública; chamando-se desde então o que até ali era da Virgem da Piedade, de Santa Maria de la Cabeza. Pintaram suas efígies com os símbolos de bem-aventurada. Celebraram sua festa no dia 8 de setembro, dia de seu glorioso trânsito, com grande concurso dos povos contíguos. Velaram sobre seu sepulcro, do qual

tiravam terra para remédio de muitas enfermidades, em que se experimentavam prodigiosos efeitos. Fundou-se na mesma ermida uma confraria com a advocação da Santa, e todos os anos vinha uma procissão ao santuário, do lugar de Valdepiélagos, no dia de São Marcos; e dava-se em Caraquiz uma caridade ou esmola geral a todos os concorrentes, para cuja obra pia algumas pessoas deixavam legados em seus testamentos, em memória de Santa Maria de la Cabeza.

Só faltava a estes testemunhos de veneração e culto a aprovação solene da Sé apostólica. As vivas diligências que cada dia se faziam para a canonização de Santo Isidro excitaram os fiéis a que solicitassem o mesmo com sua santa Esposa. A vila de Madri, em nada inferior a alguma outra na devoção e afeto à serva de Deus, instou a Mons. Camilo Caetano, Núncio à sazão na Espanha, para que se procedesse à informação da vida, virtudes e milagres de Santa Maria de la Cabeza. Este Legado deu para isso comissão a Fr. Domingos de Mendoza, da Ordem dos Pregadores, juiz apostólico na causa da canonização de Santo Isidro, o qual passou à vila de Torrelaguna a receber a justificação apetecida; e, conduzindo-se ao santuário ao reconhecimento das relíquias, como aquela ermida esteve em poder dos Templários, depois no dos Claustrais e, por último, no dos Observantes de São Francisco por concessão do cardeal Cisneros, os quais até hoje mantêm um donado ou terceiro nela, a fim de que cuide de sua assistência ou asseio; com estas mudanças e outras várias obras que se fizeram precisas, perdeu-se a memória do sepulcro da Santa. Sentiu na alma este defeito Francisco de Cuevas Vergara, notário do processo, cordialíssimo devoto da Santa; e, rogando-lhe que se dignasse manifestar o sítio onde se achava seu venerável corpo, fazendo-o assim Maria, com este aviso cavaram sob um poial da sacristia, onde havia estado mais de quinhentos anos, e encontraram seus ossos; cuja identidade se justificou pelo odor fragrantíssimo que despedia e por outros muitos prodígios que o Senhor se dignou obrar naquele feliz descobrimento; os quais trasladou o comissionado ao convento dos Observantes de Torrelaguna, deixando por então a cabeça da Santa na ermida.

Cresciam cada dia os desejos da maior veneração da serva de Deus e, distinguindo-se sobre todos o rei Filipe III, fez que seu embaixador em Roma apresentasse os processos formados sobre as virtudes e milagres da Santa ao papa Paulo V, com cartas suplicatórias de S. M., das pessoas mais distinguidas da corte, das vilas de Madri, Torrelaguna e da confraria da Santa, em solicitação de sua canonização. Expediu Sua Santidade as correspondentes letras para novos processos, nomeando por juízes apostólicos monsenhor núncio D. Antônio Caetano, D. Bernardo de Sandoval e Rojas, arcebispo de Toledo, e o bispo de Sidônia, D. João de Avellaneda Manrique. Enquanto se fazia a informação de testemunhas em Madri, os ditos juízes enviaram para o mesmo efeito à vila de Torrelaguna D. Afonso Franco, cura de Santo André, com particular encargo sobre o reconhecimento das santas relíquias; e, evacuada esta diligência por meio de inteligentes facultativos, trasladou a cabeça da Santa ao convento dos Observantes da mesma vila, juntando-a com as demais numa preciosa urna, para cuja segurança se entregaram as chaves de suas fechaduras a várias pessoas condecoradas. Concluído o processo, remeteu-se a Roma; mas, havendo ocorrido a morte de Paulo V, retardou-se o gozo que os interessados esperavam lhes dispensasse Sua Santidade. Retomada a causa com novo ardor no pontificado de Inocêncio XII, a instância do rei Carlos II, expediu Sua Santidade as correspondentes letras, por meio da sagrada Congregação dos Ritos, para que se procedesse à justificação do culto imemorial da Santa, nomeando por juízes o bispo de Daria, sufragâneo de Toledo, e o Dr. D. João Caldera, vigário geral do mesmo arcebispado; os quais, em vista do processo formado, declararam definitivamente ser

constante e certo o culto imemorial da serva de Deus, cuja determinação aprovou a sagrada Congregação dos Ritos e confirmou Inocêncio XII por sua bula apostólica de 11 de agosto do ano 1697, com o que ficou declarada no catálogo dos Santos Santa Maria de la Cabeza.

É de notar que, quanto mais se estendia o culto da Santa, tanto mais crescia seu afeto e devoção na vila de Madri, em virtude da qual solicitou da religião dos Observantes franciscanos que lhe entregassem as relíquias da Santa, para colocá-las com as de seu santo Esposo. Interpôs a mediação dos Reis para o logro de sua pretensão; e, não podendo resistir os religiosos a tão altos respeitos, deram-nas com a maior cautela a dois regedores de Madri, que as conduziram no dia 27 de fevereiro de 1645. Mal se soube em Torrelaguna a trasladação, a plebe, arrebatada daquele espírito de devoção que costuma degenerar num zelo furioso, cercou o convento e quis cometer os maiores insultos contra os religiosos; mas, sossegados por algumas pessoas de autoridade, nem por isso deixaram de pôr sua demanda formal no Conselho, para que se lhes reintegrasse do tesouro de que haviam sido despojados. Enfim, terminada a questão com que se lhes desse alguma relíquia, colocaram-se as demais na capela de Santo André, onde estavam as de seu santo Esposo. Ali permaneceram alguns anos até que se trasladaram as de ambos os heróis com a maior solenidade à real igreja de Santo Isidro de Madri, onde se oferecem à veneração pública sobre o altar-mor, em dois preciosos depósitos de grande estimação. (Veja-se a vida de Santo Isidro no dia 15 de maio.)

São Gregório, Confessor

Neste dia celebra-se em Alcalá del Río, povo imediato a Sevilha, a festa de São Gregório, confessor, de quem só nos consta seu culto e o descobrimento de suas relíquias, porque a injúria dos tempos roubou à posteridade as importantes notícias deste e de outros muitos heróis que floresceram na Espanha nos séculos antigos. Crê-se que os Cristãos ocultaram o corpo deste ilustre Santo na irrupção que os mouros fizeram na Espanha, temerosos de que tão precioso tesouro caísse em mãos dos bárbaros; mas, havendo-se descoberto seu sepulcro no ano 1160, encontraram-se só seus ossos com a seguinte inscrição: *Neste túmulo jaz o servo de Deus Gregório, que viveu setenta anos, pouco mais ou menos, e morreu em paz no dia 9 de setembro da era 542*, que corresponde ao ano 504. Dignou-se o Senhor obrar repetidos milagres pela intercessão de seu fiel servo, os quais moveram à piedade dos reis católicos D. Fernando e D.ª Isabel a que erigissem em honra do Santo uma magnífica igreja, onde se conservam suas relíquias numa preciosa urna e são tidas em grande veneração por todos aqueles naturais.

Os Santos Doroteu e Gorgônio, Mártires

Aos dezenove anos de seu império mandou o imperador Diocleciano publicar um edito na cidade de Nicomédia, em que ordenava que todas as igrejas dos Cristãos se derrubassem e lançassem por terra e os livros sagrados se queimassem, e que os nobres fossem privados de sua dignidade e nobreza e a gente comum de sua liberdade se não quisessem adorar seus deuses. Acrescentou depois que todos os prelados e cabeças da Igreja de Cristo, em qualquer parte que estivessem, fossem presos e, com requintados e atrozes tormentos apertados, para que se apartassem de nossa santa Religião. Viu este edito tão ímpio e tão bárbaro um cavaleiro ilustríssimo e valeroso, que era cristão e se chamava Pedro; o qual, aceso no amor de Deus, lançou mão dele (que estava afixado na praça) e o rasgou, não temendo a ira do Imperador, que estava na mesma cidade, nem as penas e danos que daquele feito danoso lhe podiam vir. Não se pode facilmente crer o sentimento que teve Diocleciano quando soube o que Pedro havia feito em seu desacato e opróbrio. Mandou prendê-lo e dar-lhe tantos e tão cruéis tormentos quanto de seu grande furor e crueldade num caso tão grave se podiam temer, e neles o bem-aventurado mártir Pedro esteve com admirável constância e alegria até que deu seu espírito ao Senhor. Tinha neste tempo Diocleciano dois cavaleiros muito principais de sua câmara, íntimos familiares e privados seus, que se chamavam Gorgônio e Doroteu, os quais secretamente eram cristãos e haviam, com seu exemplo e bons conselhos, trazido à fé de Cristo muitos de seus companheiros; e, como os dois se achassem presentes ao tempo em que atormentavam São Pedro, movidos com seu exemplo e abrasados de um vivo desejo de morrer por Cristo, ambos a uma falaram ao Imperador desta maneira: «Que quer dizer, ó Imperador, que atormentes só a Pedro por uma coisa que, se é culpa, nós também a temos? Se o atormentas porque é cristão, também o somos nós, e somos do mesmo parecer que ele é.» Espantou-se o tirano de ouvir tais palavras e, saindo fora de si de ira, converteu em aborrecimento todo o amor que antes lhes tinha. Mandou açoitá-los terribilissimamente e pendurá-los e desgarrar suas carnes; e, estando abertas suas entranhas, derramar sal e vinagre sobre elas, e logo estendê-los em umas grelhas de ferro e debaixo pôr fogo manso, para que pouco a pouco fosse fazendo presa neles e consumindo-os, e a morte fosse tanto mais cruel quanto era mais prolixa; e finalmente, lançando-lhes dois laços aos pescoços, os enforcaram, e desta maneira os dois santos Mártires deram suas benditas almas a seu Criador; ainda que Metafraste diz que Doroteu morreu decapitado e Gorgônio com uma grande pedra atada ao pescoço. Seus corpos foram sepultados por alguns cristãos: e depois, em sucesso de tempo, o corpo de São Gorgônio foi levado a Roma.

Missa (oração)

A missa é em reverência do santo nome de Maria, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Concede, quæsumus, omnipotens Deus, ut fideles tui, qui sub sanctissimæ Virginis Mariæ nomine et protectione lætantur, ejus pia intercessione a cunctis malis liberentur in terris, et ad gaudia æterna pervenire mereantur in cælis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que concedais a todos os vossos fiéis, que põem com alegria sua confiança no nome e na proteção da santíssima Virgem Maria, que por sua intercessão sejam livres de todos os males tão frequentes na terra e que mereçam depois chegar à alegria eterna que gozam os bem-aventurados no céu. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do Eclesiástico.

Eclesiástico 24,23-31

> **Latim:** 23 Ego quasi vitis fructificavi suavitatem odoris : et flores mei fructus honoris et honestatis. 24 Ego mater pulchræ dilectionis, et timoris, et agnitionis, et sanctæ spei. 25 In me gratia omnis viæ et veritatis : in me omnis spes vitæ et virtutis. 26 Transite ad me, omnes qui concupiscitis me, et a generationibus meis implemini : 27 spiritus enim meus super mel dulcis, et hæreditas mea super mel et favum. 28 Memoria mea in generatione sæculorum. 29 Qui edunt me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient. 30 Qui audit me non confundetur, et qui operantur in me non peccabunt : 31 qui elucidant me, vitam æternam habebunt.

Português: 23 Eu como vide lancei flores dum agradável cheiro: E as minhas flores são frutos de honra e de honestidade. 24 Eu sou a mãe do amor formoso, e do temor, e do conhecimento, e da santa esperança. 25 Em mim há tôda a graça do caminho e da verdade, em mim tôda a esperança da vida e da virtude. 26 Passai-vos a mim todos os que me cobiçais, e enchei-vos dos meus frutos: 27 Porque o meu espírito é mais doce do que o mel, e a minha herança vence em doçura o mel e o favo. 28 A minha memória durará por tôdas as gerações dos séculos. 29 Aquêles que me comem, terão ainda fome: E os que me bebem, terão ainda sêde. 30 Aquêle que me ouve, não será confundido: E os que obram por mim, não pecarão. 31 Aquêles que me esclarecem, terão a vida eterna.

Reflexões

A memória de meu nome comunicar-se-á a todos os séculos. Não se dirá o mesmo desses nomes pomposos, magníficos, que fazem tanto ruído no mundo e dos quais se faz tanta vaidade. Que é o que deixam depois de si esses grandes nomes, senão a memória de um palácio, de um emprego que se arruinou ou se perdeu com o tempo, ou a de uma posse que talvez em cada século mude muitas vezes de dono? É certo que muitos ficaram ilustrados com as façanhas desses heróis que tanto se apregoam; mas que veneração se tributa a esses nomes grandes, nem que virtude têm

estes na boca dos homens? Ah, que a maior parte desses magníficos nomes não fazem hoje mais efeito no campo da história que o que fazem outros igualmente majestosos no país da fábula. Depois de tudo, que mérito comunica um nome grande a quem não tem virtude? Não sucede assim com o santo nome de Maria; depois de mais de mil e setecentos anos passou sua memória por todos os séculos antecedentes e correrá igualmente respeitável por todos os futuros até o fim do mundo, tão digno da veneração dos fiéis como o primeiro dia em que se lhe impôs. Nome sempre igualmente significativo, igualmente expressivo do mérito cheio e quase infinito na pessoa que o tem; sempre tão eficaz para excitar nossa confiança na santíssima Virgem como o sagrado nome de Jesus para acender nosso amor e nossa esperança em nosso doce Salvador. Todos esses pomposos nomes de famílias, de estados e posses são bem vãos e verdadeiramente vazios: são títulos, são documentos de nobreza; mas não são méritos nem virtudes. O santo nome de Maria nos apresenta uma ideia bastante mais nobre e bastante mais cheia de consolo; traz-nos à memória que esta bem-aventurada criatura, bendita entre todas as mulheres, recebeu a plenitude de graças; que, por singular, por único privilégio, no primeiro instante de sua conceição foi mais pura, mais santa, mais imaculada, mais agradável a Deus que todos os Anjos e todos os Santos juntos o são atualmente na glória. Diz-nos este santo nome que a que o tem é Mãe de Deus, Rainha do céu e da terra, nossa medianeira com o mesmo Deus; diz-nos que é nossa poderosa protetora, nossa advogada, nosso último recurso com o soberano Juiz, nosso consolo, nossa grande esperança, como a chama Santo Agostinho; nossa vida, como o canta a Igreja; que é Mãe de graça, Mãe de misericórdia e nossa querida Mãe; e que o amá-la com uma filial ternura, com uma devoção religiosa e verdadeira, é sinal de predestinação. Bem se pode dizer deste santo nome, com a devida proporção, o que diz São Paulo do sagrado nome de Jesus: *Nomen quod est super omne nomen.* Nome augusto, nome respeitável, nome que baixou do céu e que é superior a todo nome. Pois a memória deste santo nome é a que passará pela sucessão de todos os séculos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São Lucas.

Lucas 1,26-38

> **Latim:** 26 In mense autem sexto, missus est angelus Gabriel a Deo in civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth, 27 ad virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David : et nomen virginis Maria. 28 Et ingressus angelus ad eam dixit : Ave gratia plena : Dominus tecum : benedicta tu in mulieribus. 29 Quæ cum audisset, turbata est in sermone ejus, et cogitabat qualis esset ista salutatio. 30 Et ait angelus ei : Ne timeas, Maria : invenisti enim gratiam apud Deum. 31 Ecce concipies in utero, et paries filium, et vocabis nomen ejus Jesum : 32 hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur, et dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus : et regnabit in domo Jacob in æternum, 33 et regni ejus non erit finis. 34 Dixit autem Maria ad angelum : Quomodo fiet istud, quoniam virum

> non cognosco ? [35] Et respondens angelus dixit ei : Spiritus Sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei. [36] Et ecce Elisabeth cognata tua, et ipsa concepit filium in senectute sua : et hic mensis sextus est illi, quæ vocatur sterilis : [37] quia non erit impossibile apud Deum omne verbum. [38] Dixit autem Maria : Ecce ancilla Domini : fiat mihi secundum verbum tuum. Et discessit ab illa angelus.

Português: [26] E estando Isabel no sexto mez, foi enviado por Deos o anjo Gabriel a huma cidade de Galiléa, chamada Nazareth, [27] a huma virgem desposada com hum varão, que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. [28] Entrando pois o anjo onde ella estava, disse-lhe: Deos te salve, cheia de graça: o Senhor he comtigo: Benta és tu entre as mulheres. [29] Ella como o ouvio, turbou-se do seu fallar, e discorria pensativa, que saudação seria esta. [30] Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deos: [31] cis conceberás no teu ventre, e parirás hum filho, e pôr-lhe-has o nome de JESUS: [32] este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deos lhe dará o trono de seu pai David: e reinará eternamente na casa de Jacob, [33] e o seu reino não terá fim. [34] E disse Maria ao anjo: Como se fará isso: pois eu não conheço varão? [35] E respondendo o anjo, lhe disse: O Espírito Santo descera sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo, que ha de nascer de ti, será chamado Filho de Deos. [36] Que, ahi tens tu a Isabel tua parenta, que até concebeu hum filho na sua velhice: e este he o sexto mez da que se diz esteril: [37] porque a Deos nada he impossivel. [38] Então disse Maria: Eis-aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim, segundo a tua palavra. E o anjo se apartou d'ella.

Meditação

Sobre a devoção ao santo nome de Maria

Primeiro ponto

Considera que não houve Santo que não houvesse professado singular devoção ao santo nome de Maria e que não houvesse experimentado os saudáveis efeitos desta doce devoção. «Oh, quão ditoso serei eu, dizia São Gregório Nazianzeno, se mereço morrer com o santo nome de Maria na boca! Abrir-se-me-á sem dilação a porta do céu, como se abriu a porta da arca à pomba quando se apresentou diante dela com o ramo de oliva no bico.» Mas, para ter este santo nome na boca à hora da morte, é mister trazê-lo gravado no coração durante o tempo da vida. Esta é muito de ordinário a última palavra que pronuncia um moribundo e também a última que se lhe ouve. Que consolo causa este santo nome naquela hora ao que por espaço de uma longa vida tomou o gosto a toda a sua doçura! Jesus, Maria: estes são os sagrados nomes que, por assim dizer, hão de firmar nosso passaporte para a eternidade. Com estes nomes, respeitáveis aos Anjos e formidáveis aos demônios, não há que temer que sejamos mal recebidos do soberano Juiz. Muito importa que se

nos façam muito familiares em vida para que nos sirvam de gozo, de confiança e de consolo na hora da morte. Os inimigos de nossa salvação, as potestades das trevas bramam ao ouvir os nomes de Jesus e de Maria; não os podem ouvir sem pôr-se em precipitada fuga. Compreende isto muito bem a santa Igreja quando exorta seus ministros a que os repitam sem cessar ao ouvido dos cristãos moribundos; isto é, naqueles momentos críticos e decisivos da sorte eterna; naqueles momentos em que todas as potestades do inferno fazem os últimos esforços para atemorizar, para tentar e para induzir a desesperação os fiéis. Oh, e que confiança tem naquela hora um verdadeiro servo de Maria na poderosa proteção desta boa Mãe! Com que gosto pronuncia então um nome que tanto afugenta e desvia os formidáveis inimigos da salvação, aquietando ao mesmo tempo uma consciência sempre sobressaltada! O nome só que a santíssima Virgem recebeu em seu nascimento nos dá a conhecer o que ela é e o que devemos esperar por meio dela. Chama-se Maria, e este misterioso nome, em suas diferentes significações, explica suas grandezas e alenta nossa esperança. Declara-nos que terá um soberano poder no céu e na terra e que é Rainha dos Anjos e dos homens. A nenhuma melhor que a Vós pode convir este augusto título, ó Virgem santa, nem tampouco mais justamente que a Vós; pois, em qualidade de Mãe de Deus, não só se sujeitou a Vós todo o mundo, mas o mesmo Dono do mundo como que vos prestou a obediência. Fazei que eu experimente os doces efeitos deste santo nome, que desejo ter gravado em meu coração ainda mais que em minha boca; e espero que o terei continuamente na boca precisamente porque o terei profunda e eternamente gravado no coração.

Segundo ponto

Considera que, depois do nome de Jesus, o nome mais augusto, mais santo e mais venerável de todos os nomes é o nome de Maria. Por isso se observa que todos os santos Padres usaram quase dos mesmos termos quando falavam do nome do Filho e do nome da Mãe. Atribuíram-lhes as mesmas vantagens e concederam-lhes quase as mesmas virtudes. Os fiéis dos primeiros séculos professaram a estes dois santos nomes tão profundo respeito, tão afetuosa devoção que facilmente se reconhecia que eram movidos por um mesmo princípio. Sabiam por sua mesma ditosa experiência que o nome de Maria, à semelhança do nome de Jesus, era o horror do inferno e a alegria do céu; que sossega as tempestades, acalma o mar e dissipa as tormentas; que nas aflições nos consola; que nas adversidades nos fortalece; que nas enfermidades nos alivia; que é um dique, por assim dizer, contra as mais fortes paixões; que tem virtude para conjurar as tentações mais violentas e para produzir na alma a mais doce paz; que, enfim, este augusto nome é como o compêndio dos títulos e das grandezas da Mãe de Deus. Daqui nasce que desde os primeiros tempos da Igreja se acostumaram os fiéis a não separar os dois augustos nomes de Jesus e de Maria, sendo constante que naqueles primeiros séculos não se pronunciava um sem o outro; ou pela recíproca ternura do Filho e da Mãe, de quem eram estes nomes os símbolos mais naturais, ou pela virtude que eles tinham em si e pelos auxílios eficazes de que eram seguros penhores. Com efeito, como é possível pronunciar o santo nome de Maria sem lembrar-se de que é Mãe de Deus e de que, depois dele, tudo pode; de que é Mãe dos homens, amando-os a todos com ternura; de que é refúgio e advogada de pecadores, desejando ardentemente sua salvação? É verdade que nenhum consolo encontram no nome de Maria aqueles pecadores empedernidos que querem perseverar em suas culpas. Mas é um manancial inesgotável de doçura e de consolo para um pobre pecador que, na verdade, pelo desbarate de sua vida incorreu na desgraça de Deus;

mas, movido de sincero arrependimento, deseja romper os laços e endireitar seus descaminhos. Que afetos tão vivos de sentimento, de dor, de arrependimento e de confiança sente este tal pecador ao pronunciar com devoção e com respeito o santo nome de Maria! A este só nome despertam a religião e a fé num pecador penitente. A este doce nome acende-se toda a piedade numa alma justa. Maria: ao pronunciar este nome, lembro-me de que é a Mãe de Deus e minha. Maria: ao pronunciar este nome, lembro-me de que tenho nela uma advogada com meu Salvador, uma medianeira com meu divino Mediador, uma protetora onipotente com meu soberano Juiz. Maria: ao pronunciar este nome, excita-se toda a ternura de um filho para com sua querida mãe, acende-se toda a devoção, inflama-se toda a caridade e aumenta-se toda a nossa esperança. Maria: ah, e com que suavidade, com que consolo se pronuncia na hora da morte o santo nome de Maria quando se o teve gravado no coração toda a vida!

Enchei, ó divina Maria, enchei toda a extensão de vosso augusto nome. Sede honrada no céu, reverenciada na terra e temida no inferno. Reinai, depois de Deus, em tudo o que está debaixo de Deus; mas, sobretudo, reinai em meu coração. Desde hoje em diante Vós sereis todo o meu consolo em meus trabalhos, toda a minha fortaleza em minhas fraquezas e minha única conselheira em todas as minhas dúvidas. Oh, e se pudesse eu gravá-lo profundamente em todas as almas! Oh, e se o pudesse pôr na boca de todos os homens, obrigando-os a celebrá-lo comigo! Não cessarei de fazê-lo nenhum dia de minha vida; pronunciá-lo-ei, respeitá-lo-ei e honrá-lo-ei enquanto viver, para pronunciá-lo com maior confiança na hora da morte.

Jaculatórias

Cumularás de glória e de bênçãos, ó Virgem santa, a todos os que amam e honram teu santo nome. (Sl 5.)

Oh doce Virgem Maria, e quão admirável é teu santo nome em todo o universo mundo! (Sl 8.)

Propósitos

1. O nome de Maria alegra os Anjos, consola os homens e afugenta os demônios. Depois do nome de Jesus não há outro nem mais doce, nem mais poderoso, nem mais saudável que o nome de Maria. Tem-no sem cessar na boca, diz São Bernardo; mas tem-no mais profundamente gravado no coração. Pronuncia-o muitas vezes durante o dia; mas guarda-te de que o costume diminua o respeito que deves professar a nome tão respeitável. Dá princípio ao dia pronunciando com devoção os santos nomes de Jesus e de Maria, depois de haver-te persignado com o sinal da cruz, e põe fim a ele da mesma maneira. Havendo de ser estas as últimas palavras que te sugerirão à hora da morte, faze-as familiares enquanto te durar a vida. É já como uma espécie de inclinação ou instinto natural em todos os Cristãos pronunciar os santos nomes de Jesus e Maria em todos os acontecimentos repentinos e funestos acidentes. A mesma Religião foi a que inspirou estas duas vozes, *Jesus, Maria*, desde o princípio da Igreja, como um afeto de admiração ou como uma

exclamação apaixonada, em lugar de tantas interjeições que desaprovou e condenou. Pronuncia-as sempre com religiosa piedade.

2. A mesma Igreja te ensina com seu exemplo este santo costume. Depois do sinal da cruz, dá princípio a todas as horas canônicas com o *Pater noster* e a *Ave-Maria*; e quer que todos os seus ministros nas funções sagradas, até no santo sacrifício da missa, em sinal de reverência a este santo nome, façam uma inclinação com a cabeça sempre que o pronunciam. Os primeiros nomes que se devem ensinar às crianças são os sagrados nomes de Jesus e de Maria, e estes são os que hão de ouvir a seus pais com a maior frequência.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:22 by Admin